



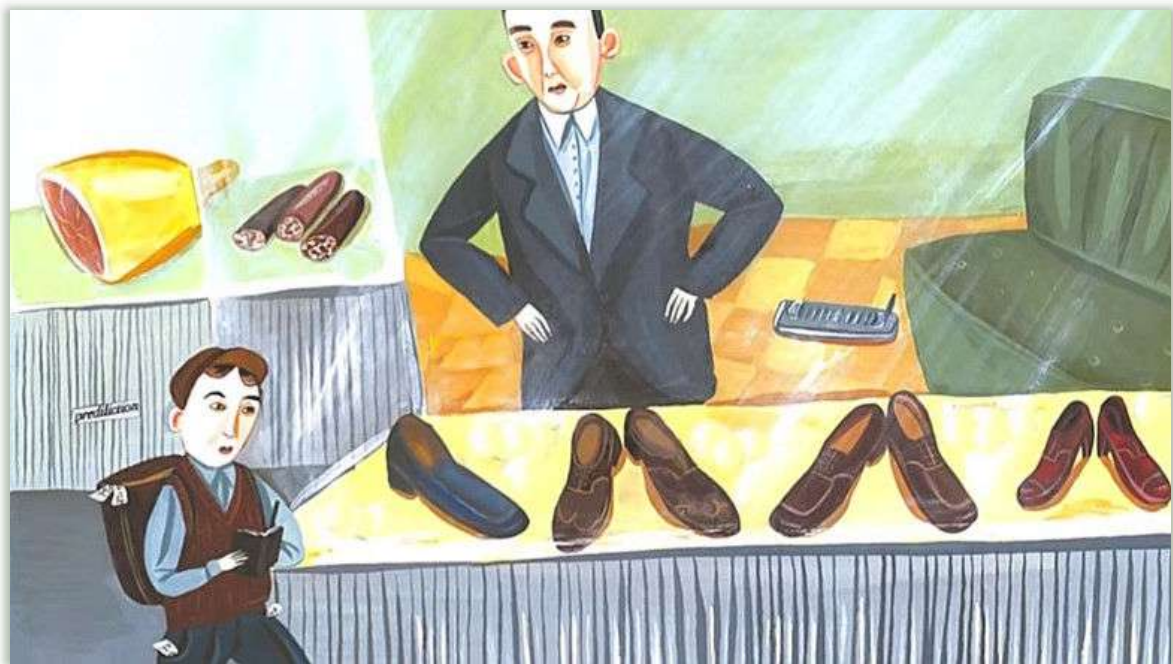
🌀 rapaz que amava as palavras

Existem, neste mundo, pessoas que já nascem colecionadoras. Algumas colecionam conchas ou pedras. Outras, colecionam penas ou minúsculas colheres de chá. Simão era um colecionador de palavras.

Simão adorava palavras. Gostava do som delas, do seu tilintar de campainhas. Do seu paladar saboroso. Das voltinhas que davam na sua cabeça. E, sobretudo, gostava da forma como a palavra **Mãe** mexia com o seu coração.

Sempre que Simão ouvia uma palavra de que gostava, anotava-a num pedacinho de papel e guardava-o no bolso. Quando os bolsos de Simão ficaram cheios de palavras, começou a enfiá-las dentro da camisa, das meias, nas mangas das camisolas e até debaixo do boné.

Enquanto as outras crianças se entretinham com morcegos, papagaios de papel e todo o tipo de bolas, Simão continuava, sozinho, a colecionar palavras deliciosas.



O pai era um homem prático que vendia sapatos robustos e que não conseguia imaginar o que o filho faria na vida com uma predileção tão estranha.



A mãe, uma mulher forte e carinhosa, preocupava-se com a felicidade do filho. Podemos mesmo dizer que toda ela era **um moinho de vento** de preocupação.

Com o passar do tempo, as pessoas começaram a chamar **Amapalavras** a Simão.

Até que um dia, alguém lhe disse:

— Ei, **Amapalavras!** Temos uma palavra nova para a tua coleção. **Excêntrico!**

Contudo, em vez de sorrir, Simão sentiu-se ainda mais sozinho ao ouvir aquela palavra.



Certa noite, teve um sonho. Estava diante de uma ânfora enorme e, cheio de curiosidade, deu-lhe um pequeno toque. Mal acabara de o fazer, saiu dela um homem estranho, de contornos rodopiantes.

— É um **gênio!** — exclamou Simão, encantado com o sabor da nova palavra.

— O que *quereze* de mim? — perguntou o gênio. — Que te conceda um *desezo*?

Aqueles sons estranhos e salgados deixaram Simão sem palavras. Porém, não resistiu a perguntar:

— É verdade que sou excêntrico?

— *Exzêntrico?* Tu és um **Amapalavras**. *Zó precisas* de encontrar um *propózo* na tua vida, uma *mizão*.

E, sem mais dizer, o gênio desapareceu.



Simão despertou do sonho e colocou na mochila uma almofada, um cobertor, maçãs, mel, sumos e toda a sua coleção de palavras. Sabia finalmente o que tinha de fazer e, depois de avisar os pais, pôs-se a caminho, determinado a encontrar o seu propósito.

Enquanto caminhava, Simão apercebeu-se dos caules das tulipas, que pareciam pequenas bengalas a ondear ao vento, e do balouçar vaidoso dos galhos de árvores.

Quando, à noite, a luz se apagou para anunciar a chegada das estrelas e do **crepúsculo**, Simão acrescentou esta última palavra longa e encantadora à sua coleção.

Com o decorrer do tempo, todavia, o passo do rapaz foi ficando mais lento, pois carregava o peso de demasiadas palavras. Talvez precisasse de aliviar a sua carga. Mas isso implicava deitar palavras fora e as palavras não podiam ser desperdiçadas. Eram demasiado preciosas.

Simão estava cansado demais para pensar e só conseguia imaginar uma coisa: **sono**, uma palavra esplêndida! Infelizmente, estava com muito sono para anotá-la.

De repente, viu diante de si uma árvore grande e maravilhosa. Tirou o casaco cheio de palavras e pendurou ternamente uma palavra em cada ramo, como se as colocasse em cima da cama durante a noite.





Simão trepou e enrolou-se numa curva da árvore. Sentiu-se tão confortável que logo adormeceu.

Durante a noite, apareceu por ali um poeta, que não conseguia dormir por falta de inspiração. De repente, levantou-se um vento rodopiante. Quatro palavras de Simão caíram dos galhos. O poeta pegou nelas, distraído. Agarrou em **lua, pastilha, limão e veludo**.

A lua, escreveu no caderno, **derretia-se como uma pastilha de limão no céu de veludo**. Em seguida, exclamou:

— Encontrei finalmente aquilo por que tanto ansiava!

Na manhã seguinte, Simão despertou para o que só poderia ser chamado de **rapsódia** de pássaros e palavras. O poeta lia o seu poema mais recente, **recheado** com as palavras de Simão.

Limpando as **migalhas** de sono dos olhos, Simão desceu da árvore e cumprimentou o poeta.



— O seu poema contém algumas das minhas palavras favoritas e o senhor usa-as de forma maravilhosa.

— Obrigado. Pela primeira vez na vida, sinto-me inspirado. Como se chama? Gostava de lhe dedicar o meu poema.

Por um momento, Simão hesitou. De repente, disse com orgulho:

— Chamam-me **Amapalavras**.

E foi então que Simão compreendeu a sua missão.

A sua missão era partilhar as suas palavras com os outros!

Daquele dia em diante, os seus passos tornaram-se mais leves e cheios de propósito. Embora continuasse a colecionar palavras, sempre que as sentia pesadas, logo encontrava uma maneira de as desembolsar e transmitir.

Assim, um padeiro cujos bolos tinham sido sempre ignorados, deu por si com a loja cheia de clientes famintos. Sem que o padeiro se apercebesse, Simão atirou algumas das suas palavras favoritas para o ar.

Crocante pousou ao lado dos bolinhos.

Esplêndida caiu num pedaço de pão de centeio.

Delicioso encostou-se a um bolo de camadas.



— Que sorte tenho! — exclamou o padeiro, quando se virou e viu os seus novos e **vorazes** clientes.



E as pessoas que viviam na vizinhança perceberam que estavam a discutir e a falar demais quando as palavras **barulho**, **burburinho** e **tagarelice** choveram sobre elas, o que logo as silenciou.

Simão viu-as ficarem paradas e olharem gentilmente umas para as outras depois de as borrar com **silêncio**, **harmonia** e **amizade**.

E assim, de boca em boca, a lenda foi crescendo...

Sempre que alguém se lembrava da palavra certa, exclamava:

— O **Amapalavras** deve andar por aqui.





Os anos foram passando. Simão tornou-se um homem e também um mito. Contudo, apesar de gostar do seu trabalho, deu-se conta de que estava sozinho.

— **Solo** — suspirou.

Um dia, depois de lançar as palavras **ágil**, **vigoroso** e **entusiasmado** na direção de um homem envelhecido e infeliz, Simão ouviu um som na brisa.

Uma nota única, pulsante e maravilhosa flutuou no ar e encontrou o caminho direto para o coração dele.

— **Melodiosa!** — exclamou.



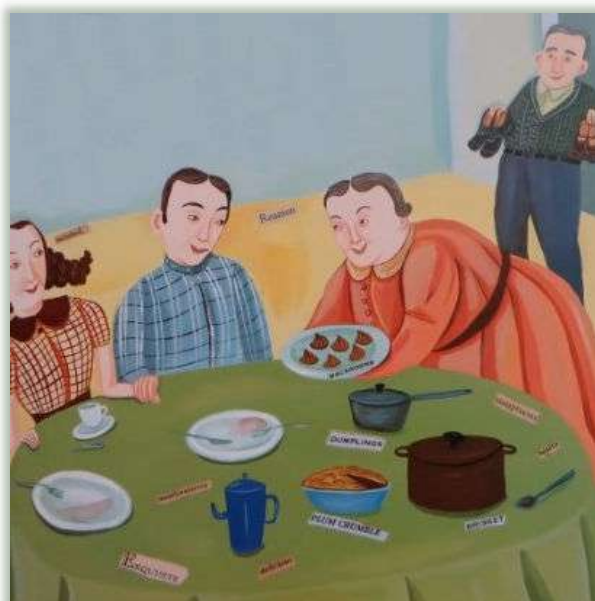
Enquanto buscava aquela nota perfeita, Simão encontrou uma jovem sentada junto de um lago a tocar alaúde. De repente, o seu coração começou a **esvoaçar**. Tremulamente, perguntou:

— Como se chama?

— Chamam-me **Melodia** — cantou a jovem.

O encanto da sua voz e palavras revelaram ser, para Simão, a mais doce de todas as músicas. Foi **amor à primeira escuta**.

Viajaram juntos até casa dos pais dele. A mãe preparou-lhes os seus pratos favoritos e o pai fez-lhes dois pares de sapatos bem resistentes.



Simão retomou o propósito da sua vida, continuando a colecionar e a espalhar palavras ao vento. Desde então, milhares de pessoas as têm descoberto e se têm deliciado com elas.

Quem sabe se, um dia, quando estivermos a pensar, a escrever, ou simplesmente a falar, a palavra certa não virá ter connosco!

Perceberemos, então, que **Amapalavras** está por perto. E, se sentirmos vontade de cantar ou de tocar música, saberemos que **Melodia** está bem junto dele.

E todos compreenderemos o quão afortunados somos...